
CONSIDERAÇÕES SOBRE DINÂMICAS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE TRANSNACIONALIZAÇÃO CHINESA

*Cristina Patriota de Moura**

Universidade de Brasília – Brasil

Resumo: *A partir de entrevistas realizadas com estudantes internacionais na Universidade da Califórnia em Davis, o artigo dialoga com a multiplicidade de possíveis transnacionalidades chinesas. Em primeiro lugar são narradas as trajetórias de três estudantes que partem de diferentes localidades da República Popular da China, passando pela capital Beijing, até chegarem à costa oeste dos Estados Unidos. O objetivo é chamar a atenção para a importância das trajetórias educacionais na configuração de possíveis transnacionalizações em um contexto em que a China está cada vez mais presente como dinamizadora de configurações sociais, políticas e econômicas globais.*

Palavras-chave: *China, mobilidade estudantil, trajetórias educacionais, transnacionalização.*

Abstract: *Based on interviews conducted with international students at the University of California Davis, the article converses with multiple possibilities of Chinese transnationalities. First, it narrates the trajectories of three students who come from different localities in the People's Republic of China, go through the capital Beijing, and arrive at the West Coast of the United States. The aim is to point at the importance of educational trajectories in the configuration of possible transnationalizations in a context where China is increasingly present as a propelling force in shaping global configurations on social, political and economic levels.*

Keywords: *China, educational trajectories, student mobility, transnationalization.*

* Contato: patriotademoura@gmail.com

A circulação de estudantes de ensino superior tem aumentado exponencialmente nas últimas décadas. Os principais fornecedores de “produtos educacionais” para consumo global são países de língua inglesa como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Austrália e Nova Zelândia. Já os principais “consumidores” seriam os países asiáticos, estando a China atualmente em primeiro lugar. Estudos como o livro de Rachel Brooks e Johanna Waters (2013) apontam para o papel de um mercado educacional transnacional na configuração de projetos de “classe média” onde sair do país de origem passa a ser parte do campo de possibilidades em determinados contextos nacionais.

O presente artigo pretende contribuir para a compreensão de tais projetos¹ que se configuram tanto em contextos nacionais específicos quanto fazem parte de processos transnacionais vinculados à mercantilização do ensino superior em escala global. A narrativa parte de entrevistas e outras interações em dois locais de pesquisa, o primeiro sendo um distrito da capital da República Popular da China e o outro uma pequena cidade universitária no norte da Califórnia, nos Estados Unidos da América, do outro lado do Oceano Pacífico. Ao seguir algumas trajetórias narradas por estudantes internacionais² da Universidade da Califórnia em Davis, provenientes da República Popular da China, a análise dialoga com trabalhos acerca de configurações transnacionais e processos que envolvem o papel de agentes chineses na configuração “global” contemporânea.

A análise que apresento parte de narrativas autobiográficas de três estudantes de pós-graduação matriculados na Universidade da Califórnia em Davis.³ Escolhi as trajetórias desses três doutorandos porque elas possibilitam evidenciar dimensões que considero importantes para elucidar aspectos do processo de mobilidade estudantil de maior escala no mundo contemporâneo e refletir sobre suas dinâmicas e significados. Trata-se de experiências e escolhas

¹ Entendo a formulação de projetos na acepção dada por Gilberto Velho, como vinculados a processos de organização de trajetórias e biografias, em movimentos de antecipação de futuros possíveis, relacionados a interpretações retrospectivas de memórias constituídas (cf. Velho, 1981, 1994; Patriota de Moura, 2016a). A noção de que tais projetos se relacionam a desejos de pertença a noções de classe também dialoga com os trabalhos de Velho já citados e Bourdieu (1992, 2007), além de discussões mais recentes sobre *global middle classes* (Heiman; Freeman; Liechty, 2012).

² Termo oficial da universidade para designar cidadãos de outros países com vistos estudantis nos Estados Unidos.

³ A pesquisa foi realizada como parte das atividades do projeto de Estágio Sênior realizado na UC Davis com financiamento da Capes, entre agosto de 2014 e agosto de 2015, com o título “Expansão urbana e transformações subjetivas na China contemporânea”, e contou com a colaboração da professora Li Zhang.

de pessoas que compõem processos de mobilidade em grande vulto, em um mundo em transformação.

Além das próprias narrativas produzidas em entrevistas agendadas e gravadas, as trajetórias também me permitem vincular duas localidades onde estive “em campo”: Beijing (capital da China e grande metrópole de 20 milhões de habitantes) e Davis (pequena cidade universitária com pouco mais de 60 mil moradores, no norte da Califórnia), em uma pesquisa multissituada (Coleman; Von Hellerman, 2011; Marcus, 1995).

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira parte, narro as trajetórias de Wang Xin, Zhang Qing e Liu Doudou,⁴ tecidas a partir de entrevistas realizadas em Davis. Essa narrativa, entremeada por falas de meus interlocutores, traz importantes elementos para que a leitora se familiarize com o contexto educacional chinês e as possibilidades de mobilidade social e geográfica dadas por trajetórias escolares que chegam a Beijing, de onde se abrem as portas para a circulação transnacional.

A segunda parte do artigo se debruça sobre a configuração de múltiplas possibilidades de transnacionalidades chinesas, em diálogo que realiza um exercício comparativo entre redes transnacionais traçadas a partir de diferentes contextos do sudeste asiático tais quais as que figuram nos trabalhos de Aihwa Ong (1999, 2006) e processos de circulação iniciados a partir da República Popular da China percebidos na minha própria pesquisa e nos trabalhos de Vanessa Fong (2004, 2011). A área de Zhongguancun, no distrito de Haidian em Beijing, figura aqui como importante nódulo onde se sobrepõem trajetórias e oportunidades de configuração de uma China global e de chineses transnacionais.

Na última sessão, teço algumas considerações acerca dos processos de mobilidade social e dos campos de possibilidades disponíveis a jovens chineses por meio de trajetórias educacionais.

Parte 1 – Davis, Califórnia: trajetórias e projetos

A chamada “diáspora chinesa” e seu ramo californiano se configuram como processos históricos heterogêneos, com especificidades em termos de

⁴ Nomes fictícios, respeitando acordo de anonimato feito no momento das entrevistas.

temporalidades, lugares de origem e destino, configuração étnica de migrantes, situação de classe e conjuntura política. Diversas ondas migratórias levaram chineses à Califórnia, inicialmente como mão de obra barata para construir ferrovias ou simplesmente como migrantes em busca de riquezas durante a corrida do ouro em meados do século XIX. A cidade de São Francisco, por exemplo, aloja a maior e mais antiga Chinatown conhecida no Ocidente, com múltiplas gerações de chineses migrados, principalmente, do extremo sul da China continental, falantes de língua cantonesa⁵ e suas variantes.

Fluxos comerciais que atravessam o Oceano Pacífico têm sido estabelecidos ao longo do tempo, envolvendo e configurando redes familiares que articulam valores “tradicionais” no que tange a relações de gênero e geração a práticas de vanguarda na dinâmica das transações econômicas globais. Mais recentemente, nota-se a crescente importância de outro tipo de fluxo de chineses para a Califórnia: o fluxo de estudantes universitários.⁶ São jovens provenientes da República Popular da China, falantes da língua oficial chinesa, o *putonghua* (língua han, mandarim), pagantes de elevadas taxas universitárias como “estudantes internacionais”.

Dados sobre 2015 indicam que mais de um terço de todos aqueles classificados como estudantes internacionais nos Estados Unidos são chineses, com investimentos que excedem dez bilhões de dólares por ano em taxas e alojamentos. Esse número teve aumento vertiginoso nos últimos anos. No ano 2000, havia 50.000 estudantes internacionais provenientes da República Popular da China matriculados em universidades dos Estados Unidos. Esse número chegou a 150.000 em 2010 e ultrapassou os 300.000 em 2015 (Chen; Jordan, 2016). A República Popular da China é também o país de onde provém a maior parte dos estudantes universitários estrangeiros em países como Japão, Austrália, Inglaterra e Irlanda, conforme atestam estudos de antropólogos como Vanessa Fong (2011) e Andrew Kipniss (2011), além

⁵ Língua falada originalmente na província de Guangdong (Cantão), ao sul da China continental, bem como na ilha de Hong Kong. Trata-se do *guangdonghua* (fala de Guangdong).

⁶ Intercâmbios acadêmicos entre China e Estados Unidos são mais antigos e se intensificaram na primeira metade do século XX, mas também tiveram ruptura abrupta com a instauração da República Popular da China em 1949. Não obstante, além da grande diferença em números, a configuração da China como “miragem global” na atualidade faz com que fluxos estudantis tenham significados diferentes daqueles compreendidos no século passado (Liu, 1997, 2009; Patriota de Moura, 2016b).

de obras mais amplas sobre internacionalização do ensino superior como os livros de Sindhu (2006), Brooks e Waters (2013), Carnoy et al. (2016).

Ao final de março de 2015, em conversa com o diretor do setor de “serviços para estudantes e pesquisadores internacionais” da UC Davis,⁷ pedi ao mesmo que encaminhasse uma mensagem chamando voluntários para entrevistas entre os estudantes internacionais chineses. Como resposta à mensagem, esperava conseguir alguns interlocutores que me proporcionassem uma aproximação com segmentos da “nova classe média” chinesa.⁸ Não esperava obter muitas respostas à chamada, mas, surpreendentemente, recebi quase 80 mensagens de estudantes se oferecendo como voluntários para a pesquisa.⁹ Havia estudantes de graduação e pós-graduação, todos cidadãos da República Popular da China. Consegui entrevistar formalmente 40 desses estudantes, que me contaram aspectos de suas trajetórias familiares e escolares, compartilharam impressões sobre a vida na China e nos Estados Unidos, e expuseram alguns de seus projetos de vida.

As entrevistas foram realizadas na estação da primavera, em sua maioria em espaços ao ar livre no *campus* da universidade, muitas vezes compartilhando refeições no horário do almoço. Também marcamos encontros em restaurantes

⁷ SISS – Services for International Students and Scholars.

⁸ Trabalhos como o de Li Zhang, que me recebeu como *visiting scholar* em Davis, apontam para o recente surgimento de camadas médias em cidades chinesas que se configuraram a partir da luta de classes maoísta entre 1949 e o final da década de 1970, para depois entrarem em processo de acelerada expansão e “espacialização de classe” por meio da reinstalação de um mercado imobiliário (Ong; Zhang, 2008; Zhang, 2010).

⁹ Transcrevo o conteúdo da mensagem encaminhada, cujo título era “Opportunity: Brazilian scholar searching for Chinese students”: “Dr. Cristina Patriota de Moura is Professor of Anthropology at the University of Brasília, Brazil and is a Visiting Research Scholar at UC Davis. Her current research project focuses on urban expansion and subjective transformations in China and Brazil. Both China and Brazil are countries that have seen an accelerated growth in consumer power and job opportunities in the past decades. These changes have also been related to an overall increase in the search for higher education and new opportunities for young people to pursue their university education abroad. She would like to conduct informal interviews with students from Mainland China regarding their educational experiences and future career plans. The focus is on personal trajectories and interpersonal factors that contribute towards choice-making. All material from interviews will be used only for the purpose of her study and individual identities will not be revealed in any published material. Interviews are expected to take between 30 and 60 minutes by appointment, possibly over a meal offered by Dr. Patriota de Moura, starting after the end of the winter quarter. Participants are expected to have had most of their previous schooling (from junior school to high school) in Mainland China and may be graduate or undergraduate students currently enrolled at UC Davis. If you are interested or have any questions please contact Dr. Patriota de Moura at cpatriota@ucdavis.edu. Your participation will be of great help!”

e cafês em *downtown* Davis, por onde circulam bicicletas e pedestres ao longo de ruas ladeadas de construções com no máximo dois pavimentos. Esse ambiente de amplo céu azul, extensos gramados e pouquíssimo burburinho urbano contrastava radicalmente com a agitação e poluição atmosférica das cidades chinesas às quais meus interlocutores se referiam ao narrarem suas trajetórias.

Entrevistei 25 estudantes de graduação, 4 de mestrado e 11 de doutorado (PhD); 18 mulheres e 22 homens, a mais jovem com 19 anos e a mais velha com 32. Nascidos em diferentes províncias,¹⁰ a grande maioria havia mudado de cidade e província na China antes de chegar aos Estados Unidos. Como veremos, é comum que se procure escolas e cidades de “nível mais elevado” para realizar projetos em trajetórias com mobilidade ascendente. A escolha pelas três trajetórias que narro aqui se deve principalmente ao fato de também haverem percorrido Beijing, cidade onde pude estar por um mês logo em seguida à realização das entrevistas em Davis, em julho de 2015. Devido ao fato de serem narradas por estudantes já na fase de doutorado, são também mais longas do que as narrativas dos estudantes de graduação¹¹ e trazem detalhes acerca das transformações sociais ocorridas na China continental que considero importantes para a discussão que trago na segunda parte do artigo.

Em 2015, Wang Xin, Zhang Qing e Liu Doudou¹² eram estudantes de doutorado na Universidade da Califórnia em Davis. Conheci Doudou, com seu namorado, em um jantar em comemoração ao ano novo chinês, em fevereiro, promovido pelo programa de Estudos Asiáticos (*East Asian Studies*) daquela universidade. Já Xin e Qing entraram em contato por *e-mail*, após receberem minha mensagem por meio da lista do SISS. As entrevistas foram realizadas nos meses de abril, maio e junho, e tiveram em média duas horas de duração.

¹⁰ Entrevistei “nativos” das províncias de Shanxi, Shaanxi, Guizhou, Henan, Zhejiang, Liaoning, Hubei, Guangdong, Hunan, Ningxia, Xinjinag, Sichuan, Jiangsu, Shandong, Anhui e Fujian, além de pessoas nascidas nas “cidades de primeiro nível” (que não estão incluídas em nenhuma província) de Beijing e Xangai.

¹¹ Os estudantes de graduação entrevistados tinham em média 20 anos e menos experiências de mobilidade, além de condições familiares mais abastadas, já que eram todos financiados pelos pais.

¹² Na China, nomes próprios seguem os sobrenomes. Assim, Wang, Zhang e Liu são sobrenomes, enquanto Xin, Qing e Doudou são os nomes próprios. Os nomes aqui utilizados são fictícios, obedecendo a acordos feitos entre mim e os entrevistados no sentido de manter o anonimato.

Zhang Qing

Encontrei Qing à frente de um restaurante no centro de Davis, onde ficam diversas lojas e restaurantes. Como em outros casos, não sabia se encontraria um homem ou uma mulher, já que a pronúncia de nomes chineses (e sua transcrição em *pinyin*¹³) nem sempre permite identificar gênero. Aproximou-se uma mulher elegantemente vestida, com jaqueta de couro azul, saltos altos, saia de corte preciso e óculos com aro preto em um rosto de pele muito clara. Servimo-nos em um *buffet* com carnes e saladas, enquanto ela me dizia conseguir identificar facilmente chinesas (e chineses) provenientes da República Popular da China. Essa identificação envolvia minucioso processo de diferenciação, já que há diversos outros tipos de chineses em Davis como, por exemplo, aqueles provenientes de Hong Kong, de Taiwan e da Chinatown de São Francisco, além de outros designados pelo termo “ABC” – *American-born Chinese*. Qing também me disse conseguir diferenciar entre chineses do sul e do norte (da China continental), principalmente pela tonalidade mais clara da pele e o formato menos redondo dos rostos nativos do norte da China, de onde ela mesma provém.

Minha interlocutora nasceu em 1990 em Linfen, cidade na província de Shanxi que já recebeu o título de cidade mais poluída do mundo em decorrência da forte presença de indústrias siderúrgicas e minas de carvão. Em abril de 2015, estava prestes a concluir seu doutorado em engenharia química, trabalhando em projeto que procura fontes de energia renovável.

Filha única como a maioria dos jovens urbanos de sua geração, fala com alegria de sua infância e adolescência centradas quase exclusivamente no desempenho escolar. Pai, mãe e avós maternos trabalhavam na empresa siderúrgica estatal, que lhes fornecia moradia e serviços de saúde e educação. Cursou o ensino fundamental em escola da unidade de trabalho dos pais e em seguida em escola maior, ainda na região onde morava com a família.

Aos 15 anos prestou um exame em nível municipal para ter acesso à escola que era considerada a melhor da cidade, situada a 30 minutos de sua residência. Como obteve pontuação alta no exame de acesso ao ensino

¹³ Método de romanização mais utilizado atualmente para o mandarim padrão.

médio (*zhongkao*), Qing foi colocada na “melhor turma” da escola, na qual permaneceu até a conclusão daquela fase escolar.¹⁴

Tínhamos as melhores professoras e havia mais pressão. Fazíamos provas a cada dois ou três meses. Se você tivesse nota baixa ou ficasse entre os cinco por cento de menor rendimento você seria expulsa dessa turma e mudaria para o próximo nível (abaixo). Então a carga de estudos e competição é muito pesada, mas eu gostava muito da minha vida lá.¹⁵

Para poder se concentrar mais nos estudos, mudou-se com a mãe para um apartamento próximo à escola, onde viveu durante os três anos de estudo preparatório para o exame *gaokao*, em certa medida semelhante ao nosso Enem, que permite acesso à universidade.¹⁶ Sua mãe, técnica em engenharia química, deixou o emprego na empresa estatal para se dedicar aos estudos da filha. Com moradia próxima à escola, podia preparar as refeições que levava nos horários de intervalo, bem como acolher a filha para almoçar e tirar uma pequena soneca antes da retomada das aulas à tarde. O ritmo era intenso:

Eu acordava às seis e meia. Isso é meio tarde já que os outros moravam longe e tinham que acordar às seis. Então começávamos a escola às sete. Das sete às oito da manhã havia aula de leitura, somente líamos chinês e inglês. Depois tínhamos quatro períodos pela manhã: matemática, física, química ou linguagem. Daí tinha um intervalo de duas horas para almoçar e dormir um pouco, mas normalmente ainda estudávamos por volta de meia hora durante aquele horário. Depois começávamos as aulas vespertinas, mais três horários, às vezes tínhamos educação física ou música ou artes. Cada aula durava por volta

¹⁴ Trata-se de escola *gaozhong* (média superior). Nas entrevistas, em inglês, as pessoas usaram o termo “high school”. Utilizo o termo “ensino médio” como equivalente àquele nível de escolaridade por conta da nomenclatura brasileira. No sistema chinês, há três níveis escolares anteriores ao ensino superior: 1) seis anos de escola primária, 2) três anos de escola intermediária e 3) três anos de escola média superior, equivalente ao nosso ensino médio. Somente os dois primeiros níveis são oferecidos de maneira universal e obrigatória.

¹⁵ As entrevistas foram feitas em língua inglesa, com eventual uso de termos e frases em língua chinesa (mandarim). Optei por traduzir os trechos citados para o português. No processo de tradução, atribuí gênero a substantivos e conjugações a verbos, recursos inexistentes no chinês que muitas vezes se refletem no inglês falado por chineses.

¹⁶ O exame de acesso a escolas de ensino médio é gerido localmente. *Zhongkao* significa, literalmente, “exame médio”: 中 (*zhong* = médio), 考 (*kao* = exame). Já o *gaokao* é um exame nacional unificado, com critérios de pontuação mínima que variam segundo província e universidade. O termo *gaokao* significa “alto exame”: 高 (*gao* = alto), 考 (*kao* = exame).

de 45 minutos, dez minutos de intervalo. À tarde terminávamos entre cinco e seis horas. Jantávamos rapidamente e voltávamos a estudar à noite. Há aulas noturnas. Aulas noturnas são mais sessões de discussão ou horário de estudo individual. São obrigatórias, não voluntárias. Terminávamos às nove ou dez da noite. Dependendo da estação, saíamos da escola às dez da noite e voltávamos para casa. Dormíamos às onze horas ou meia noite. É uma vida dura, mas eu me sentia muito feliz naquela época. Eu gostava do tempo que passava com colegas, curti aquele tempo.

A disciplina de estudo e os cuidados da mãe permitiram a Qing não somente conseguir se manter entre os “melhores 5%” da “melhor turma” da “melhor escola” da cidade durante os três anos de ensino médio, mas também ter acesso à mais prestigiosa universidade chinesa para a área tecnológica, a universidade Tsinghua, em Beijing. Ela me esclareceu que, apesar da excelente nota que obteve no exame nacional de admissão universitária, o *gaokao*, a pontuação foi abaixo da que obtivera em simulados e, portanto, apesar de ter conseguido entrar na universidade de sua escolha, teve que se contentar em fazer o curso de engenharia química, que exigia pontuação menor que os cursos que indicara como suas três primeiras opções: 1) pesquisa operacional em engenharia industrial, 2) economia e 3) engenharia ambiental.

Durante os anos em que cursou a graduação, viveu em alojamento estudantil no *campus* da universidade, onde compartilhou um quarto com mais três colegas durante os quatro anos. Diz que “parece maluco, não havia privacidade alguma, mas eu adorava viver com elas. São minhas melhores amigas”.

Sempre em tom positivo e entusiasmado, Qing me contou que para estudantes de graduação de Tsinghua, seguir aos Estados Unidos para a pós-graduação era um projeto comum.¹⁷ Em 2010, quando cursava o terceiro ano da universidade, fez uma viagem de três semanas com mais 30 estudantes de sua universidade para conhecer a Califórnia. No verão de 2012, teve a oportunidade de fazer estágio de pesquisa em uma universidade no Texas e logo em seguida iniciou o doutorado na Universidade da Califórnia em Davis, para trabalhar em projeto vinculado ao desenvolvimento de energia solar e fontes renováveis.

¹⁷ “Por exemplo, a Universidade Tsinghua envia, a cada ano, em torno de 4,7 mil professores para estudar, pesquisar ou realizar visitas no exterior e mais de 3,3 mil estudantes para intercâmbios, estágios ou assembleias internacionais e competições em diversas áreas” (Gao, 2016, p. 69).

Minha interlocutora deixa claro que o projeto de estudar nos EUA não é nada extraordinário entre estudantes de Tsinghua, sendo inclusive incentivado pela universidade. Também diz que agora, ao final do doutorado, tem planos de voltar à China para morar em Beijing e abrir uma empresa com o namorado para desenvolver aplicativos de celular.¹⁸ Gostou muito da experiência na Califórnia, porém diz gostar mais de sua vida na China:

Eu gosto da minha família, dos meus amigos na China. Família é a coisa mais importante para mim. Eu tenho que viver com eles, meus pais estão envelhecendo, eu preciso estar mais perto deles.

Quer morar em Beijing e trazer seus pais para perto de si, em projeto que inclui a difícil tarefa de alteração de registro domiciliar.¹⁹ Uma de suas maiores preocupações é a poluição atmosférica em Linfen e suas consequências para a saúde dos pais. Antes disso, no entanto, pretende passar um ano na Europa fazendo pós-doutorado.

Wang Xin

Wang Xin também passou por Beijing antes de chegar à Califórnia para o doutorado em química (*Solid State Chemistry*). Nascido em 1989, tinha 26 anos quando nos encontramos em um café no *campus* da universidade. Casara-se um ano antes com uma colega dos tempos de escola em sua cidade natal. Como Qing, Xin se diz da geração de filhos únicos,²⁰ mas frisa que quer ter mais de um filho, o que agora é permitido pelo governo. Considera importante que seus filhos conheçam termos de parentesco que praticamente se perderam na China continental. Diz que sua esposa, por exemplo, não sabe diferenciar entre primos maternos e paternos.

¹⁸ O projeto, aparentemente dissociado de sua formação acadêmica, não está em dissonância com aqueles de outros estudantes que entrevistei. A mudança abrupta de atividade profissional é bastante comum e até desejável na China, especialmente se realizada em nome de projeto que envolva a possibilidade de bons retornos financeiros. Para uma análise de tais mudanças abruptas, ver o livro de Xin Liu (2002), *The otherness of self*.

¹⁹ Trata-se do *hukou*, sistema de registro domiciliar que dá direitos de cidadania local e classifica pessoas e lugares como rurais ou urbanos. Analisei esse sistema em artigo anterior (Patriota de Moura, 2013).

²⁰ Com referência à política de filhos únicos implementada na RPC a partir de 1979. Tal política teve maior rigidez de implementação entre a população urbana do norte da China.

Xin nasceu em uma pequena localidade na província de Shaanxi, a oeste da província de Shanxi, de onde vem Qing. Seus pais são de origem rural e têm ambos diversos irmãos. O pai é engenheiro e trabalha atualmente em uma instituição de pesquisa em Xian, capital da província de Shaanxi.²¹

Não falou muito do lugar onde passou sua primeira infância, mas disse que se assemelhava a Davis, por ser um lugar pequeno e tranquilo. A entrada no ensino médio também envolveu mudança de residência. Ao contrário de Qing, que teve acesso à melhor escola de sua cidade por meio da nota no *zhongkao*, Xin conseguiu uma vaga em boa escola na cidade de Xian a partir de relações pessoais do pai. Mudou-se então para aquela cidade, onde passou a residir com uma irmã do pai, em apartamento próximo à escola, aderindo a regime de estudos tão intenso quanto o narrado por Qing.

Apesar de haver ingressado na escola por meios outros do que o mérito acadêmico auferido por pontuação no *zhongkao*, Xin teve excelente desempenho escolar. Ao prestar o exame *gaokao*, três anos depois, obteve a terceira maior pontuação entre os quatrocentos mil candidatos de sua província. Esse feito admirável lhe rendeu uma vaga na prestigiosa Universidade de Pequim – Beijing Daxue, conhecida popularmente por Beida.²² Viveu no *campus* durante quatro anos, até concluir o curso de química, onde também teve contato com estudantes de diversas partes da China e com a possibilidade de fazer uma pós-graduação no exterior.

“Os Estados Unidos são a primeira opção para estudantes chineses”, me disse Xin, ao explicar que se candidatou a diversos programas de doutorado e escolheu a UC Davis pela sua classificação no *ranking* internacional. Muitos de seus colegas de Beida também rumaram aos Estados Unidos para a pós-graduação. Em relação à vida nos Estados Unidos, ressalta a maior diversidade de interesses entre americanos, comparados à experiência mais uniforme que identifica entre chineses de sua geração. Diz que todos os seus amigos na Califórnia são chineses, ressaltando a especificidade daqueles provenientes da China continental em relação a diversos tipos de “chineses étnicos”, entre eles

²¹ Cidade que já foi capital chinesa, onde foi encontrado o famoso exército de terracota.

²² O nome oficial em língua inglesa é Peking University, apesar do nome oficial adotado para designar a capital chinesa ser atualmente Beijing. Por isso, em português, o nome utilizado é Universidade de Pequim. Neste artigo, decidi usar o “apelido” chinês Beida, por ser o termo utilizado entre meus interlocutores.

os provenientes de Hong Kong e Taiwan. Se Qing aponta diferenças estéticas, Xin indica a dificuldade de diálogo por incompatibilidades políticas. Diz que chineses de Hong Kong e Taiwan estão sempre fazendo críticas ao Partido Comunista Chinês, o que dificulta o estabelecimento de relações de amizade.

A evitação da política também aparece quando indagado sobre a situação de classe de sua família. Diz que seus pais poderiam ser considerados de “classe média” caso o referencial fosse a cidade de Xian, mas que estariam muito abaixo do nível de renda da classe média de Beijing ou Xangai. Esclarece, no entanto, que o termo “classe” não é muito usado na China: “Pessoas comuns não ligam para política. Se você falar em classe é como se se tratasse de alguma questão política.” Indago então qual seria o termo para caracterizar segmentos que se diferenciam pela renda, ao que ele responde: “As pessoas ligam muito para dinheiro na China. Elas simplesmente falam que alguém é rico ou pobre, quanto a gente ganha.”

Como Qing, Xin é o primeiro de sua família a sair da China para estudar. Ele percebe o fato de estudar nos Estados Unidos como uma oportunidade que indica melhoria de condições de vida em relação à de gerações anteriores. Sua trajetória escolar e acadêmica são vias de acesso em um processo de ascensão social que envolve a possibilidade de obtenção de melhores empregos e residência regularizada em meio urbano. Não almeja viver em Beijing, mas em uma “cidade de segundo nível como Xian”.

Sua esposa, mestre em Relações Internacionais por uma universidade da costa leste dos Estados Unidos, gostaria de permanecer naquele país, mas Xin diz querer voltar para a China após a conclusão de seu doutorado. Considera que a China oferece mais oportunidades de emprego e reconhecimento e que nos Estados Unidos seria mais difícil obter “*status* elevado”. Como desvantagens na volta à China, aponta a existência de muita corrupção e impunidade, apesar de perceber uma melhora recente, com maior respeito às leis. Preocupa-se também com a poluição atmosférica e a falta de segurança alimentar.

Liu Doudou

Doudou, também nascida em 1989, é natural de uma cidade na província de Hubei, situada no vale do rio Yangtze, na cordilheira Qinling, região montanhosa que divide o sul e o norte chinês. Os pais de Doudou se conheceram na província de Xinjiang, região autônoma no extremo noroeste

chinês, antes de serem transferidos para o centro-sul, onde se estabeleceram como funcionários administrativos do hospital de grande empresa estatal.

É uma cidade de migrantes, então é muito interessante. Os antecedentes são o líder Mao [*chairman* Mao] na era da guerra fria. Ele se preparava para a terceira guerra mundial e decidiu encontrar um lugar remoto nas montanhas para construir uma fábrica que produzisse carros, veículos para guerra, industrialização, esse tipo de coisa. Daí ele escolheu esse lugar e enviou peritos para construir esses carros e veículos para serem usados em uma guerra. Então as pessoas vieram sobretudo do noroeste da China, onde foi construída a primeira fábrica de automóveis. Os peritos foram atraídos desses lugares e se mudaram, migraram para lá. [...] A cidade fora construída em função das fábricas de automóveis, diferentes fábricas onde partes de automóveis eram feitas e áreas residenciais construídas ao lado das fábricas. Lembrando que era um sistema de unidades, quando a fábrica foi construída a China ainda tinha o socialismo, o sistema de unidades.²³

Durante a infância, Doudou frequentou a escola da unidade de trabalho em que a mãe e o pai trabalhavam, vivendo na residência atribuída à família, no complexo residencial da *danwei*. Sua primeira escolarização, assim como a de todos os estudantes que tive a oportunidade de entrevistar, é parte de um processo de homogeneização linguística empreendido na República Popular da China. Apesar da grande diversidade linguística existente na China, sempre houve uma escrita padronizada pelas práticas burocráticas estatais, em larga medida desvinculada da diversidade das línguas faladas. A recente escalada da urbanização e de processos migratórios, aliada ao maciço investimento em educação proveniente de diferentes níveis administrativos governamentais chineses, vem causando profundas mudanças no sentido de uma crescente padronização linguística. Apesar dos muitos “dialetos” falados, a língua

²³ O termo utilizado na entrevista em inglês foi “unit system” que aqui traduzi como sistema de unidades. Trata-se do sistema de “work unit”, ou “unidades de trabalho”, denominado *danwei* (单位) em mandarim. O termo pode se referir a uma empresa estatal específica ou à coletividade de seus trabalhadores, à semelhança de um sindicato. Na china urbana, até recentemente, o acesso a todos os serviços públicos se dava por meio do pertencimento a uma *danwei*, desde vales-alimentação até escolas, moradia e atendimento médico. Tal sistema foi em larga medida desmontado, de forma relativamente gradual, após a abertura para a economia de mercado iniciada no final da década de 1970. Os anos 1990 marcam a aceleração desse processo de desmonte das unidades de trabalho, com a venda em larga escala de imóveis funcionais (cf. Zhang, 2010).

escolar é o 中文 (*zhongwen*), a “língua chinesa” ou, para ocidentais, o mandarim (Kipniss, 2011).

Eu fui criada falando mandarim, mas muitas pessoas falavam diferentes tipos de dialetos à minha volta, porque vinham de diferentes províncias, e o primeiro dia de escola era sempre “me fale sobre sua cidade natal”. Daí era “eu sou de Xangai”, “eu sou de Beijing”, “eu sou de Shenyang”.

Doudou foi criada em convivência próxima com os avós maternos, que também pertenciam à mesma unidade de trabalho. Permaneceu na residência dos pais até a conclusão do ensino médio, quando prestou o exame de acesso à universidade. A boa pontuação no *gaokao* lhe permitiu acesso à Universidade de Zhejiang, na região sudeste da China, onde cursou administração pública. Conta que ficou em 170º lugar entre os 180.000 candidatos inscritos de sua província (Hubei). Sua maior vontade era ir a Beijing, mas escolheu a Universidade de Zhejiang por acreditar ser uma aposta mais realista em um sistema de previsões incertas, conforme explica em sua fala.

Eu consegui pontuação para a Universidade de Zhejiang. Você pode calcular pela... pois é, você é classificada em tal província após o exame, depois de saber sua pontuação. Há diferentes políticas, mas em Hubei era assim, você só sabe a pontuação e daí pode escolher diferentes faculdades, mas você não sabe realmente qual a sua classificação, então é realmente arriscado. Você poderia escolher a escola errada devido a sua pontuação não ser alta o suficiente e você pode escolher baixo demais por que a sua pontuação pode ser inesperadamente alta e daí você perde muitas oportunidades de ir às melhores escolas. O que eu fiz foi ligar para pessoas que eram da universidade perguntando se a pontuação era boa o suficiente para não correr tantos riscos. Eles disseram que me informariam. Daí eles entrevistaram um monte de pessoas interessadas naquela universidade e chegaram a um número provável que seria a linha de corte. Então eles estabeleceriam a nota de corte após reunir a informação de quem conseguiu qual pontuação e quantos estudantes iriam admitir dessa província. Então eles têm uma cota e um número em mente, mas não é oficial. Então foi assim que eu decidi.

O plano de chegar à capital chinesa teria que aguardar. A primeira mudança de Doudou foi para Hangzhou, capital da província de Zhejiang. Durante a graduação em Hangzhou, pôde contar com o apoio de um irmão de sua mãe que vivia com a esposa naquela cidade, enquanto viveu no alojamento

estudantil da universidade, dedicando-se intensamente aos estudos. Chegou a se filiar à liga juvenil, espécie de ramo estudantil do Partido Comunista Chinês, e participou de atividades voluntárias de ensino em área rural durante as férias de verão. Ao concluir o curso de graduação, foi aprovada em um programa de mestrado em políticas públicas na Universidade Renmin,²⁴ em Beijing.

Eu sabia que na Universidade Renmin em Beijing, para onde eu ia, eles tinham um programa que te ajuda a estudar um ano fora e obter diploma de mestrado, em geral em algum país europeu, sem ter que pagar nada. Então esse era meio que o meu objetivo ao ir para lá, tipo vou sair por um ano, obter dois diplomas de mestrado e depois conseguir um emprego em Beijing. Esse era meu objetivo ao ir para a pós-graduação. Isso foi em 2011.

Doudou fala com grande entusiasmo do tempo que passou em Beijing. Foi lá que conseguiu estreitar os laços com um professor norte-americano que a incentivou a realizar o doutorado fora da China. Contratou serviços de consultoria para auxiliá-la a se preparar para as provas de inglês e colocar em prática o processo de candidaturas para universidades nos Estados Unidos. Recebeu propostas de diversos programas nos Estados Unidos, mas decidiu cursar o doutorado em sociologia na Universidade da Califórnia em Davis por causa da possibilidade de pagar por seus estudos através de contratos de tutoria, lecionando em disciplinas de graduação. A vida pacata de Davis é um grande contraste com a rotina agitada que tinha em Beijing, cidade na qual viveu pouco tempo mas onde diz se sentir em casa, apesar do grande incômodo com a poluição.

Eu tinha muitos amigos da escola primária, secundária, ensino médio e faculdade. Estão todos em Beijing. Todo mundo quer ir para cidades grandes e conseguir um emprego ou obter um diploma. Então era como se eu conhecesse todo mundo lá, de todos os aspectos da minha vida. Estão todos em Beijing. Era assim que eu me sentia e sentia que tinha uma vida maravilhosa, tinha todos esses amigos.²⁵ Tinha uma amiga dedicada a todas as coisas. Uma amiga de *sushi* – eu vou muito comer *sushi*. Tinha amigos de pingue-pongue, amigos para falar inglês, amigos para o teatro, amigas muito especializadas e amigas que se importam com tudo.

²⁴ *Renmin*: “do povo”, “popular”.

²⁵ A palavra “friend”, usada na entrevista em inglês, não varia segundo gênero.

Na pequena cidade universitária onde vivia na Califórnia, tinha uma rotina bem menos variada do que na grande metrópole que é Beijing. Fez amizade com pessoas de diferentes países e conheceu o namorado, norte-americano, com quem mantinha um relacionamento havia três anos. Voltar à China não estava entre seus planos. Disse que recusara uma bolsa de doutorado do governo chinês justamente por causa da obrigatoriedade de regresso à China logo após a conclusão dos estudos. Também não se mostrou inclinada a se apegar à vida californiana ou mesmo aos Estados Unidos. Ao refletir sobre sua relação com a China, disse:

Não sei bem o que isso significa. Porque sim, é meu país. Eu sei que é a China, mas as pessoas da China. Então esse termo.... Eu penso em muitos símbolos, mas eu não sei o que significa. Quer dizer, eu certamente me interessei pelo que acontece na China, esse é o foco da minha pesquisa. Mas eu não acho que tenha que voltar para lá para fazer alguma coisa. Porque a geografia definitivamente não é um problema. Eu posso fazer algo relacionado à China em qualquer lugar.

Sua tese de doutorado se baseia em análise estatística dos crescentes índices de divórcio em cidades chinesas.

Parte 2 – Beijing: de Zhongguancun à China global

Após o período em que realizei as entrevistas, tive a oportunidade de passar um mês em Beijing, onde pude acompanhar, na área de Zhongguancun do distrito de Haidian, atividades de estudantes e professores especializados em abrir as portas para o fluxo transnacional de estudantes universitários chineses.

A Avenida Zhongguancun começa na região leste de Pequim, já fora do segundo anel viário, seguindo até Yuanmingyuan, o palácio de verão destruído e saqueado pelas forças inglesas e francesas em 1860, após a segunda guerra do ópio. Ladeiam a avenida grandes universidades como a Universidade de Pequim, Tsinghua, e a Universidade do Povo (Renming), onde estudaram Xin, Qing e Doudou, respectivamente.²⁶

²⁶ Essas universidades, em grande parte estabelecidas no final do século XIX e início do século XX, ocupavam inicialmente grandes áreas localizadas em região “bucólica” afastada do burburinho urbano próximo aos muros da cidade proibida onde habitou o imperador da dinastia Qing até 1911. Nas décadas seguintes à derrocada do império, a capital chinesa deslocou-se para Nanquim. A revolução que instaurou a República Popular da China em 1949 proclamou mais uma vez Pequim como sua capital.

Durante as primeiras décadas da República Popular da China,²⁷ sob comando de Mao, observa-se processo de urbanização patrocinado pelo governo central, que variou entre a construção de grandes monumentos e complexos de moradia para a burocracia estatal, por um lado, e, por outro, o estabelecimento de áreas industriais equipadas com moradias operárias e serviços básicos de educação, saúde e abastecimento. Esse modelo de *danwei* (unidades de trabalho) configurou em larga medida a expansão urbana fortemente regulada da capital chinesa até o início do processo de abertura para o mercado, na década de 1980.

Apesar da paisagem bucólica, o distrito de Haidian foi palco de importantes conflitos urbanos no século XX. Ali surgiu, em 1966, o movimento estudantil que deu origem aos guardas vermelhos que impulsionaram a Revolução Cultural, inicialmente nas escolas de ensino médio ligadas à universidade de Pequim e à Universidade do Povo. Durante a maior parte da década de 1970 houve esvaziamento das atividades das grandes universidades e da Academia de Ciências, em decorrência dos desdobramentos da própria Revolução Cultural.

O ano de 1977²⁸ marca o restabelecimento do exame universal para entrada no ensino superior, o *gaokao*, invocando alinhamento com a prática de concursos públicos que remonta à Antiguidade²⁹ e dialoga com valores confucionistas. A partir daí intensificam-se processos de abertura econômica, com crescente participação chinesa nos fluxos globais de bens, capital, serviços e pessoas. Ensaia-se uma maior abertura no campo político na década de 1980, com intensa participação dos estudantes alojados nos *campi* universitários do distrito de Haidian, mas a sequência de episódios violentamente repressivos com foco na praça da Paz Celestial (Tiananmen), em 1989, freia abruptamente

²⁷ A República Popular da China foi estabelecida oficialmente em primeiro de outubro de 1949, em decorrência da revolução comunista.

²⁸ Ano seguinte à morte de Mao Tse Tung.

²⁹ Segundo verbete da Enciclopédia Britânica: “Chinese examination system. In China, system of competitive examinations for recruiting officials that linked state and society and dominated education from the Song dynasty (960–1279) onward, though its roots date to the imperial university established in the Han dynasty (206 BC–AD 220). Candidates faced fierce competition in a series of exams dealing primarily with Confucian texts and conducted on the prefectural, provincial, and national levels. Despite a persistent tendency to emphasize rote learning over original thinking and form over substance, the exams managed to produce an elite grounded in a common body of teachings and to lend credibility to claims of meritocracy” (<https://global.britannica.com/topic/Chinese-examination-system>).

o processo de abertura política. Juventude disciplinada e investimentos em tecnologia marcam a última década do século XX.

Ao final da década de 1980, começam a surgir novos espaços privados nas cidades chinesas e configura-se nova paisagem ao largo da Avenida Zhongguancun, em processo de expansão que liga o centro urbano de Beijing à área universitária, próxima ao terceiro anel viário.³⁰ Durante a década de 1990, Zhongguancun se torna polo de atração de talentos vinculados à inovação tecnológica, abrigando grandes empresas e *start-ups* de jovens empreendedores.³¹ Começa então a se consolidar um contingente altamente qualificado de jovens ligados a redes transnacionais, muitos deles retornados de períodos de formação universitária no exterior.

Zhongguancun vem sendo chamada de “Vale do Silício chinês”, em comparação direta ao Vale do Silício da Califórnia, nos EUA. Comparar aquela área de Beijing ao Vale do Silício, no entanto, é mais do que uma metáfora. Os dois lugares congregam pessoas qualificadas e se constituem como centros de inovação que articulam jovens recém-saídos de universidades de prestígio, grandes empresas em busca de novos talentos e oportunidades para o estabelecimento de uma multiplicidade de *start-ups*. Como disse um jovem empresário em entrevista para uma reportagem da emissora oficial chinesa CCTV, “Assim como o Vale do Silício fica perto de Berkeley e Stanford, Zhongguancun fica próxima à Universidade de Pequim, Tsinghua e da Academia de Ciências” (Zhongguancun..., 2014, tradução minha).

Zhongguancun é também um pórtico de passagem que dá acesso ao “mundo” para muitos adolescentes chineses que desejam continuar os estudos fora da China. Além de incubadora para novas empresas, a área concentra grande número de pequenos cursos preparatórios para exames de língua inglesa e centros de treinamento e assistência para candidaturas a universidades estrangeiras, principalmente nos EUA (Patriota de Moura, 2016a, 2016b).

A passagem por Zhongguancun é um elemento comum nas trajetórias aqui narradas. A multiplicidade de processos que se inscrevem nessa área

³⁰ Inicialmente, proliferam lojas de produtos eletrônicos baratos, em grande medida pirateados e de baixa qualidade, produzidos em larga escala nas novas fábricas do sul da China.

³¹ Em 1999, cria-se a Zona de Ciência e Tecnologia de Zhongguancun. Tal zona, também chamada na mídia de língua inglesa de Z-park, atrai escritórios de empresas transnacionais como a Microsoft, e vai abrigar as sedes de empresas chinesas como Lenovo, Alibaba e Baidu, que se tornarão gigantes no mercado transnacional de tecnologia da informação.

de Beijing permite que se articulem experiências de chegada às “melhores universidades”, o acesso à socialidade cosmopolita que envolve encontros em cafés e circulação em *shopping centers* com artigos de luxo, bem como o contato com uma profusão de agências e escolas de língua que fornecem tangibilidade a sonhos de transnacionalização.

Não obstante a enorme complexidade do que se poderia chamar de “diáspora chinesa”, é possível identificar processos que se intensificam nos últimos 30 anos e que conjugam configurações familiares transnacionais de chineses abastados com bases sólidas em Hong Kong e Taiwan com mais recentes processos de circulação de grandes números de cidadãos provenientes da República Popular da China.

Os estudos de Aihwa Ong, realizados na década de 1990 e início dos anos 2000, identificaram o fenômeno da “cidadania flexível” por parte de chineses étnicos (*huaren*) que colecionam passaportes como estratégias de transnacionalização em extensas redes familiares. As redes familiares identificadas por Ong (1999, 2006) perpassam países dos chamados Tigres Asiáticos, especialmente Singapura e Malásia, onde há importantes segmentos identificados como chineses. Esses chineses étnicos se articulam com outros segmentos classificados como chineses nos Estados Unidos da América, por exemplo, que têm em comum algum grau de identificação ancestral com a China continental. Os chineses de Hong Kong e Taiwan, por outro lado, podem ser chamados de cidadãos chineses, ainda que com importantes diferenças em relação aos cidadãos da China continental.³² Ong fala de redes chinesas e suas presenças na Califórnia apontando para a dimensão transnacional de famílias de empresários bem-sucedidos, como no exemplo abaixo:

Alex vem de uma família proeminente que traça sua linhagem a um tio-avô que chegou a ser governador da província de Guangdong. O pai de Alex estudou na Alemanha, mas após a vitória comunista em 1949, levou sua família à Austrália.

³² Hong Kong e Taiwan se diferenciam politicamente da República Popular da China. Hong Kong foi colônia britânica até 1997, quando foi devolvida à China. Hoje, faz parte da República Popular da China, como região autônoma. Seus cidadãos têm passaportes diferenciados e encontram-se em regime político relativamente independente ao da RPC. A ilha de Taiwan, por sua vez, ou a República da China, tem seu próprio governo e se considera independente da China continental. Seus cidadãos não são regulados pelas leis ou documentos da RPC, apesar de ser ensinado nas escolas da RPC que Taiwan seria mais uma província da China, entre outras da China continental.

Em seguida seu pai explorou possibilidades de negócios no Brasil, onde viveu com a família por alguns anos. Finalmente retornaram a Hong Kong, onde o pai entrou no ramo imobiliário e estabeleceu uma firma chamada Universal Enterprises. A piedade filial ditou que Alex e seus irmãos assumissem os papéis traçados por seu pai. Alex explicou que é prática comum que famílias de grandes empresários distribuam filhos por diferentes locais geográficos: “Os pais fazem uma clara subdivisão pela qual um irmão não interfere nos outros, temendo que haja muita briga entre eles. Por exemplo, meu irmão mais velho trabalha em Hong Kong. Eu cuido de tudo na América do Norte. Nós sempre nos falamos, mas sabemos de quem é a responsabilidade aqui e lá”. (Ong, 1999, p. 129, tradução minha).

Apesar de criticar abordagens orientalistas que veiculam discursos homogeneizantes sobre o “caráter chinês” ao apelar para valores confucionistas como a “piedade filial”, Ong fala de redes familiares sem marcar suficientemente diferenças entre chineses do Sudeste Asiático, chineses da “diáspora” situados fora da Ásia e chineses da República Popular da China. Essa pouca diferenciação analítica pode ser compreendida na medida em que Ong deseja justamente chamar atenção à *transnacionalidade* das redes chinesas, para além dos pertencimentos nacionais.

O caso mobilizado por Ong é interessante por vários motivos. Primeiramente, aponta para a abrangência geográfica da empresa da família de Alex, concatenada a processos contemporâneos compatíveis com dinâmicas de globalização neoliberal. Em seguida, a narrativa chama atenção para o fato de cada irmão desempenhar o papel que lhe é atribuído pela autoridade paterna, exercendo o “tradicional” valor confucionista da “piedade filial”.³³ Por outro lado, o trecho citado também ancora a ancestralidade da rede familiar transnacional na província de Guangdong, situada na China continental, em território sob domínio da República Popular da China desde a “vitória comunista em 1949”.

Ao lermos o texto de Ong, somos informados que uma primeira diáspora familiar iniciou-se a partir de Guangdong, com a partida do pai para estudar na

³³ A “piedade filial”, *xiao* (孝) é apontada como uma das principais características normativas das relações de parentesco na China e em outros países com forte influência confucionista como o Japão e a Coreia (cf. Ikels, 2004). Na antropologia, os trabalhos de Fei (1939, 1992) são importante referência. Para uma comparação entre valores em relação à família entre estudantes universitários chineses e brasileiros, ver Dwyer et al. (2016).

Alemanha e a ida (fuga?) da família para a Austrália. O “retorno” para Hong Kong, no entanto, mascara discursivamente a ruptura política que produziu profundas diferenças em termos de experiências de vida por parte daqueles que viveram na ilha (que continuou abrigando a colônia britânica até 1997) e os que permaneceram na província de Guangdong, passando por décadas de profundas mudanças sociais, com efeitos sobre a vida familiar, hábitos de subsistência, valores, visões de mundo e possibilidades de constituição de subjetividades. Nesse sentido, é possível afirmar que os chineses do artigo de Ong são muito diferentes dos chineses que entrevistei em Davis.

As estratégias empregadas pela família de Alex não se apresentam com as mesmas possibilidades para cidadãos da República Popular da China, onde há proibição de manter múltiplas cidadanias e sérias restrições a mudanças permanentes de residência dentro do próprio território nacional. Ademais, é preciso diferenciar as amplas redes de parentesco “tradicionais” (ainda que transnacionais) das possibilidades de configuração de redes de ajuda mútua baseadas em *guanxi*³⁴ por parte de uma geração urbana composta majoritariamente de filhos únicos, como os três doutorandos que trouxe para este artigo e a grande maioria dos entrevistados por mim em Davis.³⁵

Se, por um lado, a diáspora chinesa nos fornece elementos interessantes para pensar configurações transnacionais que antecedem a contemporaneidade do atual estágio do capitalismo global, por outro é importante pensar a importância do papel do Estado na configuração da transnacionalidade específica envolvida nos deslocamentos de estudantes de ensino superior provenientes da República Popular da China.

Os trabalhos de Vanessa Fong, que vem acompanhando um grupo etário³⁶ da cidade de Dalian,³⁷ apontam para várias questões interessantes nesse sentido. Em seu livro *Only hope*, Fong (2004) apresenta pesquisa com estudantes de ensino médio em Dalian. O objetivo principal é pensar a

³⁴ *Guanxi* (关系), que pode ser traduzido como “relação”, é um termo que designa sistemas de reciprocidade vinculados tanto a valores apontados como “tradicionais” quanto novas práticas de negócios que envolvem esquemas de favorecimentos onde interesses privados e instituições de estado se imbricam. Para uma análise, ver, por exemplo, Pinheiro-Machado (2011).

³⁵ Dois dos estudantes que entrevistei tinham irmãos. Ambos eram de origem rural.

³⁶ O termo utilizado por Fong em inglês é *cohort* que, na falta de termo melhor em português, traduzi por “grupo etário”. Não se trata, no entanto, de pensar em uma coletividade com limites fixos, como os “grupos corporados” do estrutural-funcionalismo.

³⁷ Cidade na província de Liaoning, no nordeste da China, próxima à Coreia.

especificidade da experiência dessa geração de filhos únicos, nascida após a implementação da política, estabelecida em legislação de 1979, que impunha sérias restrições a casais que tivessem mais de um filho. A política teve efeitos mais radicais durante as décadas de 1980 e 1990 nas cidades do norte da China, onde a maioria da população trabalhava em empresas estatais ou para a própria burocracia governamental e onde toda a subsistência era regulada pela unidade de trabalho (*danwei*). A pesquisa inicial de Fong, que conjuga entrevistas aprofundadas e *survey* com observação participante junto a escolas e famílias, chama a atenção para a centralidade dos estudos para famílias que frequentemente depositam “todas as suas esperanças” em um único filho ou filha. Essas esperanças se configuram no sentido da própria continuidade da família e daí a ênfase no casamento e na procriação, mas também dizem respeito à expectativa de estabelecimento de uma base econômica que sustentará os pais na velhice. Assim, a obrigação de retribuição aos pais, por meio da “piedade filial”, concentra-se sobre os indivíduos dessa geração, sem irmãos para compartilhar a responsabilidade.

Vale notar que muitas das responsabilidades “filiais” (e também paternas e maternas) haviam sido substituídas pelas próprias *danwei* (nas cidades) e comunas (no campo) durante a era maoísta. As reformas econômicas iniciadas no final da década de 1970 e transformações subsequentes têm provocado o desmonte desse sistema e um retorno à responsabilidade privada. Não se trata, no entanto, de simples regresso a configurações familiares “tradicionais”, mas do estabelecimento de novas dinâmicas, bem mais individualistas e em diálogo com projetos de famílias com tendências de nuclearização e bilateralidade (Yan, Y., 2009). Valores confucionistas como a “piedade filial” são ressignificados e adaptados às dinâmicas contemporâneas que perpassam experiências geracionais de intensa crítica cultural, como foi o caso da Revolução Cultural vivida na última década da vida de Mao Tse Tung (1966-1976).

Voltando ao diálogo com Ong, é importante frisar que Alex e seus parentes, bem como aqueles chineses étnicos de Taiwan, Hong Kong, Singapura, Malásia e Califórnia, não passaram por esses processos, compartilhados pelos cidadãos da República Popular da China. Ong argumenta que aquelas redes transnacionais chinesas se configuraram às margens de grandes impérios (o britânico em especial e o chinês como espectro histórico) e em larga medida com autonomia em relação a pertencimentos políticos nacionais. Não se pode dizer o mesmo a respeito das experiências vividas na China continental.

O segundo livro de Fong, publicado em 2011, é um estudo de “estudantes transnacionais chineses e sua luta por cidadania flexível no mundo desenvolvido”, como diz seu subtítulo. Fong narra sua surpresa, quando volta a Dalian alguns anos depois, ao descobrir que grande parte dos estudantes de ensino médio que acompanhara na pesquisa anterior havia saído da China para continuar os estudos em nível universitário. Resolve, então, desenvolver um novo projeto e encontrar esses jovens em diferentes lugares do mundo. Grande parte dos membros de seu grupo etário se encontrava então distribuída entre o Reino Unido, Austrália, Estados Unidos e Japão. Ao seguir as rotas desses jovens (já nem todos estudantes), Fong encontra dinâmicas que incluem diversos entraves a projetos de aquisição de “cidadania flexível” por parte de sujeitos que não contam com extensas redes familiares ou possibilidades legais de permanência em países onde são classificados como estrangeiros. Assim, a “cidadania flexível” da lógica transnacional, descrita por Ong como realidade para famílias de empresários com base em Hong Kong, é uma meta que precisa ser redimensionada nas experiências biográficas de jovens provenientes de famílias com posição socioeconômica instável em Dalian.

Voltando à Califórnia, podemos dialogar tanto com os trabalhos de Ong (1999, 2006) quanto com as pesquisas de Fong (2004, 2011). Na pequena cidade universitária de Davis, estudantes provenientes da República Popular da China encontram-se com diversos tipos de chineses, alguns membros de grandes famílias empresariais transnacionais, outros filhos e netos de migrantes já estabelecidos na costa oeste da América do Norte. Meus interlocutores em Davis faziam sempre questão de marcar as diferenças entre “outros chineses” e eles, chineses da China continental, cidadãos da República Popular da China que falam mandarim, utilizam a escrita dos ideogramas na versão simplificada e foram escolarizados segundo critérios estabelecidos com o crivo do Partido Comunista Chinês, preparando-se para exames como o *zhongkao* e o *gaokao*.

Os períodos de trabalho de campo em Davis e Zhongguancun indicam complexas articulações entre dinâmicas transnacionais e especificidades nacionais, tanto em termos de “emissão” quanto de “recepção” de estudantes de ensino superior, tomando cuidado para não reificar essas duas posições como se os movimentos fossem unidirecionais. Apesar de a China também receber número crescente de estudantes internacionais, ainda há uma clara

assimetria em termos de números de alunos enviados e recebidos e em termos do prestígio atribuído às instituições mais bem conceituadas nos Estados Unidos e na China.³⁸

É possível falar de um *campo social transnacional* (Basch; Schiller; Blanc, 1994) que inclui processos migratórios entre a China e os Estados Unidos ou, mais especificamente, entre Beijing e a Califórnia e configura rotas de circulação contínua de pessoas em ambas as direções. Basch, Schiller e Blanc (1994), ao proporem o conceito de *transmigrante*, debruçam-se principalmente sobre relações entre categorias de migrantes que se tornaram etnicizadas (ou mesmo racializadas) na costa leste dos Estados Unidos e as relações com processos de construção de nação em países periféricos em relação aos EUA, como é o caso do Haiti, Filipinas e República Dominicana. O caso da China desafia a proposta daquelas autoras pela maior complexidade bem como pela diferença em termos de escala e relativa simetria entre os dois Estados nacionais por onde fluem os sujeitos/cidadãos.

Os chineses transnacionais de Ong, com seus múltiplos passaportes, extrapolam o enfoque binacional (ainda que múltiplo) de Bash, Schiller e Blanc. Ao demonstrar as características multiterritoriais e fluidas das redes transnacionais de empresários “chineses”, com suas estratégias de expansão por diversos continentes, a autora aponta para uma transnacionalidade que extrapola a visão ainda dual da proposta analítica centrada na origem da noção de transmigrante.

Já Brooks e Waters (2013), ao analisarem diferentes processos de internacionalização educacional, problematizam a noção de transnacionalidade tal qual proposta por Ong, chamando atenção para as especificidades nacionais e regionais de políticas educacionais e formações de classe em contextos determinados. Defendem que, apesar do “crescente consenso neoliberal”, importantes poderes decisórios se concentram em aparatos estatais específicos, que lidam de maneiras diferentes com as dinâmicas transnacionais: “De fato, há articulações complexas entre influências globais e as prioridades de regiões e nações em particular” (Brooks; Waters, 2013, p. 22, tradução minha).

³⁸ Recentemente, a Universidade de Pequim (Beida) adquiriu um *campus* em Oxford, na Inglaterra, o que pode indicar uma intenção de mudança de direção. A universidade de Tsinghua também estabeleceu um centro de inovação tecnológica em conjunto com a universidade de Washington, em Seattle, nos EUA (Leung, 2017).

As autoras ressaltam a necessidade de pensar a relação entre o acesso à educação, o pertencimento a determinada classe econômica e a possibilidade de mobilidade social.³⁹ A China aparece, no livro em questão, como um dos principais agentes nesse mercado permeado por políticas públicas.⁴⁰ Em primeiro lugar, trata-se do principal provedor de estudantes internacionais para os países e instituições que os recebem. Tem abrigado, em seu próprio território, crescente número de filiais internacionais de grandes universidades inglesas e norte-americanas, bem como incentivado a ida de estudantes estrangeiros à RPC. Atualmente começam também a surgir investimentos das grandes universidades como a Universidade de Pequim e Tsinghua no sentido de estabelecer centros de pesquisa e ensino na Inglaterra e nos Estados Unidos (Leung, 2017).

A mobilidade estudantil chinesa está associada a processos migratórios internos e internacionais que produzem possibilidades de transnacionalização multifacetadas. Possibilidades essas que articulam diferentes subjetividades chinesas codificadas como intencionalidades em escalas referenciáveis onde urbanidade e acesso a trânsitos globais são também índices de valor humano (Woronov, 2009; Yan, H., 2003). As trajetórias de Wang, Zhang e Liu corroboram a tese de que a concorrência por uma vaga universitária é também uma aposta na possibilidade de transpor os limites de uma vida “localizada”. A fixação de sujeitos pelo sistema de registro domiciliar (*hukou*) cristaliza hierarquizações sociais, explicita gradações de cidades, reforça distinções como rural/urbano e legitima direitos diferenciados de acordo com pertencimentos oficialmente sancionados por documentos (Patriota de Moura, 2013). Chegar a Beijing e viver de maneira regularizada na capital chinesa é um direito extremamente cobiçado em um sistema altamente competitivo. Hairong Yan, em trabalho sobre agências de emprego doméstico que recrutam migrantes rurais para trabalhar em Beijing, identifica discursos que equiparam a “oportunidade” de trabalhar na capital a estudar no exterior, pelo seu valor civilizatório, “espelhando o acúmulo idealizado de qualidade (*suzhi*) por meio da mobilidade transnacional acessível somente à elite escolarizada” (Yan, H., 2003, p. 502, tradução minha).

³⁹ Em trabalho anterior, também apontei para a necessidade dessa articulação, no contexto de pesquisa com estudantes da Universidade de Brasília (Patriota de Moura; Vasconcelos, 2012).

⁴⁰ Em termos não somente de diretrizes educacionais, mas também de legislações que regulamentam intercâmbios e migrações.

Discursos oficiais do Partido Comunista Chinês veiculam chamados para a realização do “grande sonho” de renovação da China, configurando “miragens” de grandeza nacional ao projetar noções sobre um “século chinês” que configuraria uma nova ordem global. A “grande China global” pode, portanto, ser ao mesmo tempo central, se concebida em termos de uma territorialidade nacional, e transnacional, se pensada a partir das redes chinesas não definidas pelo pertencimento político atribuído por documentos da República Popular da China, mas capturáveis em discursos que evocam concepções de glória imperial, conforme tive a oportunidade de discutir em artigo anterior (Patriota de Moura, 2016b). Nesse processo multifacetado, sujeitos elaboram projetos para alçar suas trajetórias individuais de forma a atingir a maior altura e amplitude possíveis.

Considerações finais: educação e mobilidade social

É na China continental que se produz, em 2003, a primeira hierarquização linear mundial de instituições de ensino superior, pela Graduate School of Education in Shanghai Jiao Tong University (SJTU), com influência direta sobre a competição entre universidades situadas em diferentes países. Brooks e Waters (2013, p. 27) argumentam que essas classificações (*rankings*) são “artefatos da globalização” que dão “aparência de ordenamento ao conhecimento global” e fornecem, assim, enquadramentos produtores de inteligibilidade onde se pode atribuir posicionamentos nacionais a concepções de uma economia global. Argumentam também que os processos de estabelecimento de padrões e critérios são tanto resposta como força propulsora da mobilidade estudantil internacional.

No caso dos estudantes chineses em Davis, é notável que todos soubessem as posições da universidade e de seus respectivos cursos em sistemas classificatórios padronizados. Ao narrarem suas escolhas de universidade ao irem para os EUA, o *ranking* era sempre fator fundamental na escolha, mediada por pais, professores e assessores especializados em viabilizar candidaturas para universidades nos Estados Unidos.

Na área comercial de Zhongguancun, em Beijing, produziu-se na última década uma concentração de cursos preparatórios e serviços de consultoria para acesso a universidades estrangeiras. Ao caminhar pelas ruas, estação de metrô e *shopping centers* na área, é notória a presença de panfleteiros, banquinhas e

cartazes de propaganda que prometem levar estudantes à realização do “sonho” de estudar nas “melhores” universidades, em países de língua inglesa. Entre os murais luminosos anunciando agências e cursos, pude distinguir, em inglês, o anúncio de uma empresa denominada Reach Top Education, entre outras que traziam, por exemplo, fotografias de um empresário chinês com chapéu de *cowboy*. Destacam-se na área os dois edifícios da empresa Xindongfang (Novo Oriente), que alega ter mais de dois milhões de estudantes incluindo suas múltiplas filiais (Patriota de Moura, 2016b).

Diálogos com estudantes em Davis e Beijing, bem como com professores e profissionais das agências de Zhongguancun, mostraram que posição no *ranking* e pontuação em exames são o principal fator de inteligibilidade compartilhada entre estudantes, seus pais e aqueles que permitem acesso ao ensino superior. Nas três trajetórias com as quais iniciei este artigo, classificações em sistemas de pontuação aparecem como determinantes ao longo do percurso escolar, seja no direito de Wang Xin estar na “melhor turma” da “melhor escola” de Linfen, na classificação em terceiro lugar no *gaokao* entre os 400.000 da província de Zhang Qing ou nos cálculos “realistas” de Liu Doudou para chegar à Universidade de Zhejiang antes de alçar voo para a desejada vida na capital e, em seguida, para fora da China.

Os três doutorandos que participam deste texto narram trajetórias de mobilidade espacial e social, de cidades menores em províncias do interior da China para a capital cosmopolita onde se situam as melhores universidades e as melhores oportunidades de emprego acessíveis pela via do estudo. São três filhos únicos que também narram a participação de tios, tias, avôs e avós em redes de apoio que configuraram suas possibilidades de acesso a novos patamares. Ao falarem de seus projetos para o futuro, por mais que sejam vagos em relação a objetivos profissionais e localidade de moradia desejável, falam todos em trazer os pais para onde estiverem estabelecidos como adultos bem-sucedidos.

Trajetórias de mobilidade estudantil em geral se iniciam com a saída da casa dos pais (que frequentemente também incluem avós) para alojamentos em escolas de ensino médio ou em localidades próximas às escolas mais cobiçadas e acessíveis por meio de exames municipais (*zhongkao*), mas também por meio de pagamento de mensalidades diferenciadas e apelo a relações de reciprocidade pessoal (*guanxi*). O período do ensino médio, entre as idades de 15 e 18, é considerado extremamente importante e delicado, não sendo

incomum que mães deixem seus empregos para acompanharem as filhas nos poucos intervalos da vida escolar. O ápice do esforço escolar é a preparação para o *gaokao*, exame que conta com cerca de dez milhões de candidatos a cada ano e é a única forma de acesso ao ensino superior na China. O exame é unificado, mas a exigência de pontuação varia para a mesma universidade e curso de acordo com a província de origem dos candidatos, já que há cotas de vagas de acordo com origem geográfica e étnica.⁴¹

Ter acesso às melhores universidades é ter acesso à possibilidade de registro domiciliar em cidades de primeiro nível.⁴² O registro domiciliar em Beijing, por exemplo, é extremamente cobiçado e de acesso quase impossível por outra via que não a entrada em universidades da capital ou a obtenção prévia de empregos altamente qualificados.⁴³ Estar em Beijing é também ter o acesso facilitado a rotas de circulação transnacional, muitas das quais se iniciam com a saída da China para um curso de pós-graduação. Nos três casos aqui apresentados, é possível afirmar que se trata de projetos de ascensão social na direção de um pertencimento almejado a uma classe média global (Heiman; Freeman; Liechty, 2012).

No caso da República Popular da China, é importante ressaltar a emergência recente de padrões polarizados de estratificação social. Assim, o que é percebido como mobilidade social em contextos mais estabilizados de desigualdade e “distinções” (Bourdieu, 2007) deve ser pensado em termos da formação de novos extratos sociais, tais quais a “camada média” que se espacializa na cidade de Kunming na importante etnografia de Li Zhang (2010). Novos espaços urbanos são indicadores de novos segmentos sociais, bem como diplomas de universidades bem classificadas em *rankings* internacionais são índices de “qualidade” com potencial de conversibilidade em termos de diferentes tipos de capital cada vez menos acessíveis a novos sujeitos.

⁴¹ A RPC é composta de 56 etnias oficialmente reconhecidas, mas 92% da população são classificadas como pertencentes à etnia han. Todos os estudantes entrevistados são de etnia han.

⁴² Há quatro cidades classificadas como de “primeiro nível” na China: Beijing, Xangai, Tianjin e Chongqing. Essas cidades têm autonomia administrativa e não pertencem a nenhuma das 23 províncias da República Popular da China.

⁴³ Mesmo pessoas nascidas em Beijing devem realizar o exame na província de seu registro domiciliar, dado de forma hereditária. O estudo de Koo, Ming e Tsang (2014) narra a situação dramática de adolescentes que precisam “voltar” aos seus locais de registro domiciliar após anos em grandes cidades e, assim, perdem oportunidades de acesso ao ensino superior no processo de adaptação.

Como argumentam Xiang e Shen (2009), é preciso diferenciar processos de migração e mobilidade estudantil vinculados a Hong Kong e à República Popular da China, já que no caso da RPC a educação internacional é principalmente parte da “produção, mais que da reprodução da desigualdade social” (Xiang; Shen, 2009, p. 514, tradução minha).

Outra via de circulação de estudantes chineses que identifiquei em Davis foi a daqueles cujos pais já conseguiram acumular vultosas quantidades de capital e que preferem sair da China para estudar em nível de graduação sem precisar passar pelas pressões relacionadas à realização do *gaokao*. Esses serão convidados para outro artigo. Estudos recentes identificam que há procura cada vez mais precoce de vagas para estudantes em países de língua inglesa, o que parece configurar um processo de fechamento de elites, por um lado, e também a utilização de rotas estudantis em nível de ensino médio como iniciadoras de processos migratórios que incluem diferentes gerações (Brooks; Waters, 2013; Xiang; Shen, 2009).

Para os estudantes de pós-graduação com quem tive contato, a dedicação aos estudos em um sistema de grande intensidade e extremamente competitivo significou uma oportunidade de ir além da vida localizada definida pela burocracia estatal reguladora de possibilidades disponíveis em contextos familiares nuclearizados e tentar chegar “ao topo”, destacando-se das massas no país com a maior população do planeta. É também uma maneira de participar de uma nova configuração global onde empresas chinesas e interesses pela China não se restringem ao território nacional e configuram novos tipos de oportunidades profissionais para chineses de diversos tipos.

Referências

BASCH, L.; SCHILLER, N. G.; BLANC, C. S. *Nations unbound: transnational projects, postcolonial predicaments and derritorialized nation-states*. Longhorn: Gordon & Breach, 1994.

BROOKS, R.; WATERS, J. (Ed.). *Student mobilities, migration and the internationalization of higher education*. London: Palgrave Macmillan, 2013.

BOURDIEU, P. Condição de classe e posição de classe. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 3-26.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CARNOY, M. et al. (Org.). *Expansão das universidades em uma economia global em mudança: um triunfo dos BRICS?*. Brasília: Capes, 2016.

CHEN, T.-P.; JORDAN, M. Why so many Chinese students come to the U.S. *The Wall Street Journal*, New York, 1 May 2016. Disponível em: <<http://www.wsj.com/articles/why-so-many-chinese-students-come-to-the-u-s-1462123552>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

COLEMAN, S.; VON HELLERMAN, P. (Ed.). *Multi-sited ethnography: problems and possibilities in the translocation of research*. New York: Routledge, 2011.

DWYER, T. et al. (Org.). *Jovens universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira*. Brasília: Ipea; Pequim: Social Sciences Academic Press, 2016.

FEI, X. *Peasant life in China*. London: Routledge and Kegan Paul, 1939.

FEI, X. *From the soil: the foundations of Chinese society*. Berkeley: University of California Press, 1992.

FONG, V. L. *Only hope: coming of age under China's one-child policy*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

FONG, V. L. *Paradise redefined: transnational Chinese students and the quest for flexible citizenship in the developed world*. Stanford: Stanford University Press, 2011.

GAO, Y. Situação atual e tendência de desenvolvimento do sistema de educação superior da China. In: DWYER, T. et al. (Org.). *Jovens universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira*. Brasília: Ipea; Pequim: Social Sciences Academic Press, 2016. p. 43-77.

HEIMAN, R.; FREEMAN, C.; LIECHTY, M. *The global middle classes: theorizing through ethnography*. Santa Fe: School of Advanced Research Press, 2012.

IKELS, C. *Filial piety: practice and discourse in contemporary East Asia*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

KIPNISS, A. B. *Governing educational desire: culture, politics and schooling in China*. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.

KOO, A.; MING, H.; TSANG, B. The doubly disadvantaged: how return migrant students fail to access and deploy capitals for academic success in rural schools. *Sociology*, London, v. 48, n. 4, p. 795-811, 2014.

LEUNG, B. Peking University pays 8.8 million pounds for Oxford Campus site. *China Daily*, Apr. 10 2017. Disponível em: <http://europe.chinadaily.com.cn/world/2017-04/10/content_28859892.htm>. Acesso em: 20 abr. 2017.

LIU, X. Space, mobility and flexibility: Chinese villagers and scholars negotiate power at home and abroad. In: ONG, A; NONINI, D. (Ed.). *Ungrounded empires: the cultural politics of Chinese transnationalism*. London: Routledge, 1997. p. 91-114.

LIU, X. *The otherness of self: a genealogy of the self in contemporary China*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2002.

LIU, X. *The mirage of China*. New York: Berghahn Books, 2009.

MARCUS, G. Ethnography in/of the world system: the emergence of multisited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n. 24, p. 95-117, 1995.

ONG, A. *Flexible citizenship: the cultural logics of transnationality*. Durham: Duke University Press, 1999.

ONG, A. *Neoliberalism as exception: mutations in citizenship and sovereignty*. Durham: Duke University Press, 2006.

ONG, A.; ZHANG, L. (Ed.). *Privatizing China: socialism from afar*. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

PATRIOTA DE MOURA, C. O “velho” hukou na “nova” China urbana. *Anuário Antropológico 2012/II*, Brasília, v. 38, n. 2, p. 225-245, 2013.

PATRIOTA DE MOURA, C. Camadas médias, projetos e trajetórias: da diplomacia no Brasil Central à internacionalização chinesa. In: PATRIOTA DE MOURA, C.; CORADINI, L. (Org.). *Trajetórias antropológicas: encontros com Gilberto Velho*. Brasília: ABA Publicações; Natal: EDUFRN, 2016a. p. 145-171.

PATRIOTA DE MOURA, C. Miragens do “novo Oriente”: a China, os Estados Unidos e os sonhos que circulam. *Anuário Antropológico 2015/I*, Brasília, v. 41, n. 1, p. 203-228, 2016b.

PATRIOTA DE MOURA, C.; VASCONCELOS, L. F. L. Trajetórias, trajetos e “motilidade” na Universidade de Brasília. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, Niterói, n. 32, p. 87-112, 2012.

PINHEIRO-MACHADO, R. Fazendo guanxi: dádivas, etiquetas e emoções na economia da China pós-Mao. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 99-130, 2011.

SINDHU, R. *Universities and globalization: to market, to market*. (sociocultural, political and historical studies in education). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WORONOV, T. E. Governing China’s children: governmentality and education for quality. *Positions*, Durham, v. 17, n. 3, p. 567-589, 2009.

XIANG, B.; SHEN, W. International student migration and social stratification in China. *International Journal of Educational Development*, Oxford, v. 29, n. 5, p. 513-522, 2009.

YAN, H. Neoliberal governmentality and neohumanism: organizing suzhi/value flow through labor recruitment networks. *Cultural Anthropology*, Washington, v. 18, n. 4, p. 493-523, 2003.

YAN, Y. *The individualization of Chinese society*. Oxford: Berg, 2009. (London School of Economics Monographs on Social Anthropology, vol. 77).

ZHANG, L. *In search of paradise: middle-class living in a Chinese metropolis*. Ithaca: Cornell University Press, 2010.

ZHONGGUANCUN: China's Silicon Valley. *CCTV*, 2014. Disponível em: <<http://www.cctv-america.com/2014/05/15/zhongguancun-chinas-silicon-valley>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 12/04/2017